

INDÚSTRIA, CIDADES E SOCIABILIDADES NO VALE DO RIO DOS SINOS: 1970-1980

Autores

Vinícius Moser¹; Rodrigo Perla Martins

RESUMO

O presente trabalho procura compreender a relação existente entre a produção calçadista do Vale do Rio dos Sinos com o processo de urbanização e de transformações das sociabilidades das elites locais dos três principais municípios produtores de calçados desta região, que são Novo Hamburgo, Campo Bom e Sapiranga, no período compreendido entre os anos de 1970 a 1980. Estes municípios foram escolhidos para análise pelo fato de possuírem, dentro do recorte temporal delimitado para o trabalho, a maior produção calçadista dentro do Vale do Rio dos Sinos e nos principais polos de desenvolvimento tecnológico e industrial deste produto na região. Da mesma maneira, cumpre aqui realçar que o recorte temporal escolhido para esta proposta de pesquisa, ou seja, os anos de 1970 a 1980, constitui-se no momento de maior relevância da produção calçadista do Vale do Sinos, tanto em níveis de produção quanto na geração de riqueza advinda da fabricação deste produto. Por estes motivos, foram estas as localidades definidas para serem analisadas neste projeto de pesquisa. A relação que este texto busca estabelecer possui como embasamento a expansão produtiva da indústria calçadista e da exportação do calçado, vivenciadas pelas principais cidades do Vale do Sinos, dentro do contexto histórico da ditadura civil-militar brasileira, precisamente entre 1969 e 1979. Para dar suporte à análise empreendida, utilizaram-se fontes primárias (documentos e jornais), entrevistas e bibliografia pertinente.

¹ Graduado em História e Mestre em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale. Tutor no Núcleo de Educação a Distância da Universidade Feevale. E-mail: moser@feevale.br.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura compreender a relação existente entre a produção calçadista do Vale do Rio dos Sinos com o processo de urbanização e de transformações das sociabilidades das elites locais dos três principais municípios produtores de calçados desta região, que são Novo Hamburgo, Campo Bom e Sapiranga, no período compreendido entre os anos de 1970 a 1980. Estes municípios foram escolhidos para análise pelo fato de possuírem, dentro do recorte temporal delimitado para o trabalho, a maior produção calçadista dentro do Vale do Rio dos Sinos e nos principais polos de desenvolvimento tecnológico e industrial deste produto na região.

Da mesma maneira, cumpre aqui realçar que o recorte temporal escolhido para esta proposta de pesquisa, ou seja, os anos de 1970 a 1980, constitui-se no momento de maior relevância da produção calçadista do Vale do Sinos, tanto em níveis de produção quanto na geração de riqueza advinda da fabricação deste produto. A delimitação espacial desta proposta adquire substância no sentido de que Novo Hamburgo, Campo Bom e Sapiranga configuram-se nos municípios que possuem a maior produção calçadista dentro do Vale do Rio dos Sinos e nos principais polos de desenvolvimento tecnológico e industrial deste produto na região. Por estes motivos, foram estas as localidades definidas para serem analisadas neste projeto de pesquisa.

Como objetivo deste trabalho, pretende-se analisar de que modo ocorreu a influência da produção calçadista nas transformações do processo de urbanização e das formas de sociabilidade das elites de Novo Hamburgo, Campo Bom e Sapiranga, entre os anos de 1970 a 1980. Para tanto, partem-se dos seguintes pressupostos: que a região do Vale do Rio dos Sinos, um dos principais polos calçadistas do país, juntamente com a cidade paulista de Franca, internacionalizou-se pelo fato de que substituiu a Espanha como principal fornecedor de calçados ao

mercado estadunidense, na década de 1970. De igual modo, supõe-se que esse processo de substituição fez com que a região do Vale do Sinos, em especial os três municípios delimitados para esta proposta, tivesse um processo de modernização e de afluxo de bens de consumo e serviços bastantes distintos do que o verificado em outras regiões industriais do Rio Grande do Sul.

Finalmente, este projeto trabalho possui embasamento em um referencial bibliográfico que articula, em um primeiro momento, as questões teóricas da etnicidade teuto-brasileira no Vale do Sinos, a trajetória histórica da indústria nesta região, da produção calçadista e do processo de urbanização e de mudanças nas sociabilidades das elites das principais cidades desta região, especificamente nos anos 1980. Por meio da definição destes eixos que norteiam o suporte teórico a esta proposta, foi possível realizar o levantamento e seleção das fontes documentais e impressas, que possuem relação com a pesquisa bibliográfica realizada para este trabalho.

2 ORIGENS DO SETOR COUREIRO-CALÇADISTA, QUESTÃO ÉTNICA E EMPREENDEDORISMO

A região do Vale do Rio dos Sinos, situada no nordeste do Rio Grande do Sul, começou a ser colonizada, em caráter oficial, por imigrantes de origem alemã a partir de 1824, tendo como núcleo inicial de colonização a localidade de São Leopoldo (ROCHE, 1969). A partir da década de 1890, a região, em especial os distritos do município de São Leopoldo, vivenciou um intenso crescimento das indústrias locais, especialmente com a introdução dos curtumes de couro, depois com as empresas artesanais e, posteriormente, com a indústria calçadista na cidade (SCHEMES *et al*, 2005; SCHEMES, 2006). Por outro lado, torna-se importante destacar que a produção calçadista, contudo, já começava a tomar certo impulso algum tempo antes, paralelamente, ao desenvolvimento da indústria curtumeira:

XI SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS:

"A DEMOCRACIA AINDA É A QUESTÃO: REFLEXÕES SOBRE A
DITADURA CIVIL-MILITAR E A COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE"



Ao lado desse desenvolvimento dos curtumes, a produção de calçados havia tomado um impulso bastante grande na segunda metade do século XIX com a Guerra do Paraguai, que aumentou a demanda de calçado, e com a urbanização e a conseqüente diminuição dos produtos de montaria no mercado. Nesse período, os artigos de montaria, por exemplo, ainda eram produzidos de forma artesanal enquanto na fabricação do calçado já eram utilizadas algumas máquinas (SCHEMES, 2006, p. 97).

Desse modo, já nas décadas iniciais do século XX, a região do Vale do Sinos possuía importância no cenário industrial e econômico do Rio Grande do Sul. Segundo a visão de Moser (2012), o polo de desenvolvimento do setor coureiro-calçadista nesta região constitui-se no município de Novo Hamburgo, que se emancipara de São Leopoldo em 1927. Sua importante atividade fabril e o crescimento de sua projeção dentro do cenário econômico do Rio Grande do Sul de então tornou-a uma das cidades mais prósperas do interior do estado (MARTINS, 2011). Embora ainda pertencessem à São Leopoldo, as localidades de Campo Bom e Sapiranga também se destacavam na produção de couros e calçados, lançando as bases, conjuntamente com Novo Hamburgo, de um cenário de grande prosperidade econômica que ocorreria no Vale do Sinos nas décadas seguintes.

Para Costa (*in* COSTA; PASSOS, 2004, p. 12), "O desenvolvimento da manufatura do calçado na região teve como fatores estimulantes a presença, entre os [imigrantes] recém-chegados, de sapateiros, curtidores e outros artesãos ligados ao trabalho com couro". Estes fatores, agregado ao fato da criação extensiva de gado no Rio Grande do Sul, que possibilitou o fornecimento de couro em grande escala, auxiliaram no desenvolvimento, em escala industrial, do setor coureiro-calçadista já em finais do século XIX. Já Carneiro (1986) indica que a existência de um mercado consumidor mais desenvolvido na zona colonial alemã, a aplicação de capitais obtidos com a agricultura e a construção de uma ferrovia ligando a região à capital, na década de 1870, como fatores importantes para o desenvolvimento em escala industrial do setor coureiro-calçadista na região.

XI SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS:

*"A DEMOCRACIA AINDA É A QUESTÃO: REFLEXÕES SOBRE A
DITADURA CIVIL-MILITAR E A COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE"*

Entretanto, são necessárias algumas ponderações dentro do processo de industrialização da região. Uma explicação dada para este fenômeno nos anos 1930, dava conta que a industrialização do Vale do Sinos, assim como o processo de industrialização sul-rio-grandense, ocorreu pelo fato de que o mercado consumidor gaúcho encontrava-se distante dos principais polos econômicos brasileiros, Rio de Janeiro e São Paulo (TEJO, 1939). Assim, era necessário encontrar alternativas, sendo a criação de uma indústria local o caminho natural para driblar esta dificuldade. De certo modo, esta afirmação possui sentido, pois, segundo Singer (1968), o Rio Grande do Sul, na primeira década do século XX, configurava-se na terceira economia industrial do Brasil, atrás de São Paulo e Rio de Janeiro.

Segundo a visão de Lagemann (1980), que vai à contramão do pensamento de Tejo (1939) e Roche (1969), a relação entre a agricultura praticada pelos colonos alemães e a industrialização do Rio Grande do Sul não pode ser compreendida de modo tão automático. Visto que os colonos não foram os pioneiros da implantação da indústria no Rio Grande do Sul, mas foram importantes no processo de expansão da indústria, como um todo, dentro do cenário sul-rio-grandense do início dos anos 1900.

Dentro deste contexto de destaque que os teuto-brasileiros possuíam dentro do incipiente cenário industrial que se desenhava no início do século XX no Rio Grande do Sul, a questão da germanidade e o empreendedorismo devem ser levados em conta para fornecer uma explicação mais consistente acerca deste processo.

Dentro deste contexto, a marcante presença dos teuto-brasileiros no início do desenvolvimento da atividade fabril, no Rio Grande do Sul e no Vale do Sinos, pode ser explicada através conceito de germanidade. Seyferth (1982) exemplifica este constructo como um movimento intelectual surgido na comunidade teuto-brasileira, entre meados do século XIX e a década de 1940, cuja preocupação central consistia na defesa da identidade étnico-nacional da população imigrante. Foi liderado por

XI SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS:

"A DEMOCRACIA AINDA É A QUESTÃO: REFLEXÕES SOBRE A
DITADURA CIVIL-MILITAR E A COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE"



figuras da elite teuto-brasileira – jornalistas, professores, pastores, comerciantes, industriais – que elaboraram uma identidade específica para esta população com base na distinção², especialmente de cunho etnocêntrico, em que são tomadas características culturais e biológicas como elementos diferenciadores.

Dessa forma, a germanidade não só se constituía apenas em um movimento de valorização de um “modo de ser alemão”, mas também possui relação com uma concepção de unidade cultural germânica que era cara ao ideário nacionalista alemão do século XIX, que se configurou em uma “[...] mistura do autoritarismo prussiano com as idéias de alguns intelectuais do movimento romântico e dos que lançaram a bases teóricas de uma nação alemã em 1813” (SEYFERTH, 1982, p. 28). Nessa direção, a mesma autora, em outro trabalho, menciona que este conceito destaca o sentido ambivalente do emprego dessa terminologia, dentro da formação étnica das colônias alemães, nesse caso especificamente (SEYFERTH, 1999). Essa ambiguidade terminológica também serviu ao processo de introdução das sociabilidades de origem alemã no Brasil meridional, como pode ser depreendido na passagem abaixo.

A palavra *Deutschum* tem dois sentidos que convergem para compor a etnicidade teuto-brasileira: expressa o sentimento de superioridade do ‘trabalho alemão’ – e, neste caso, remete ao progresso trazido pelos pioneiros à ‘selva’ brasileira – e define o pertencimento à etnia alemã, estabelecendo seus critérios – língua, raça, usos, costumes, instituições, cultura alemães (SEYFERTH, 1999, p. 74, grifo da autora).

Ao se reforçar a superioridade alemã na “selva” e depreciar o elemento “nativo”, no caso os brasileiros natos, que o processo de colonização assumiu, justamente, esse traço marcadamente étnico. A autora também coloca que o enriquecimento dos colonos alemães, acentuado a partir do último quartel do século XIX, teve como resultado, justamente, reforçar negativamente essa posição do

² Acerca do conceito de distinção, ver a obra Bourdieu (2007), que mostra de que maneira os estilos de vida traduzem as representações do mundo social, seja dentro do âmbito individual ou coletivo.

XI SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS:

"A DEMOCRACIA AINDA É A QUESTÃO: REFLEXÕES SOBRE A
DITADURA CIVIL-MILITAR E A COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE"



“alemão superior” em detrimento do “brasileiro pobre e indolente”, segundo a visão que os teuto-brasileiros possuíam neste momento.

Também é importante destacar que, ainda durante o início do século XX, as ditas “colônias alemãs” não estavam assimiladas, pelo fato de que o fluxo de imigração ainda não havia cessado, mas que, lentamente, tornavam-se teuto-brasileiras, como pondera Seyferth (*in* MAUCH; VASCONCELLOS, 1994). Este processo dava-se, em grande medida, pela urbanização incidida pela industrialização de algumas colônias, transformando-as em polos de atração de mão de obra “brasileira”. Nessa conjuntura, o uso no cotidiano da língua alemã se afirmou como um elemento de afirmação dessa identidade étnica (SEYFERTH *in* MAUCH; VASCONCELLOS, 1994).

Outra definição para este termo é dada por Gertz (1991, p. 32, grifo do autor): “É usada às vezes para designar simplesmente o conjunto da população de alemães e descendentes. Mas de uma maneira geral entende-se por *Deutschtum* uma ideologia e uma prática de defesa da germanidade das populações de origem alemã”. Contudo, este conceito é empregado para dar significado as duas situações ao mesmo tempo, dependendo do ponto de vista político-ideológico de quem a emprega e do contexto no qual está envolvido o emprego desse termo.

Para este historiador, a difusão deste conceito “[...] iniciou em fins do século [XIX] e no século XX ela aparece em diferentes graus em quase todas as instituições existentes nas regiões de colonização no sul do Brasil: os jornais de língua alemã, as escolas, as associações culturais e esportivas, as igrejas” (GERTZ, 1987, p. 93). Já na década de 1930, a discussão acerca desta posição acentua-se, inclusive em Novo Hamburgo, que era, segundo este autor, um dos principais núcleos teuto-brasileiros do Rio Grande do Sul. Dessa maneira, a preservação do *Deutschtum* nestes núcleos configurou-se como um canal privilegiado de alimentação aos intentos pangermanistas e nacionais-socialistas da Alemanha dos anos 1930 (RAMBO *in* MAUCH; VASCONCELLOS, 1994).

XI SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS:

"A DEMOCRACIA AINDA É A QUESTÃO: REFLEXÕES SOBRE A
DITADURA CIVIL-MILITAR E A COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE"

Dentro desse cenário de valorização étnica que os teuto-brasileiros no Rio Grande do Sul elaboraram, a expressão da indústria ligada a esta etnia pode ser considerado um fator de reforçamento da germanidade. Dessa maneira, Fortes (2004) destaca que os principais líderes industriais do Rio Grande do Sul na primeira metade do século XX eram de origem teuto-brasileira. Casos de empresários como Rubem Berta, João Wallig, Alberto Bins, A. J. Renner e, no caso específico do Vale do Sinos, Pedro Adams Filho, auxiliam a reforçar esta afirmação (SCHEMES, 2006; SCHEMES; FAY; PRODANOV, 2010). Dentre os fatores de sucesso destes empresários, pode-se destacar o “[...] sofisticado sistema paternalista que integrava empresa, família e comunidade, perpassadas por valores e práticas culturais estruturados por relações hierárquicas de gênero e etnia” (FORTES, 2004, p. 179). Esse paternalismo gerava uma grande ascendência dos empresários sobre segmentos da classe trabalhadora, numa relação de controle dos primeiros sobre os últimos.

Diante desse panorama, mostrado até o momento, em que a questão étnica forneceu subsídios para a formação do empresariado do Vale do Sinos, outra questão que surge como importante para a compreensão do sucesso do setor coureiro-calçadista é a do empreendedorismo. Joseph Schumpeter, teórico nascido na atual República Checa em 1883 que possui uma das definições mais consistentes acerca deste termo³. Este autor, na década de 1930, incorporou à ideia de empreendedorismo o conceito de inovação, ressaltando a importância do empreendedor de fazer coisas de outra maneira, destruindo, assim, uma determinada ordem econômica, reconstruindo-a de outra maneira (SCHUMPETER, 1978).

Complementando a definição do teórico austríaco, empreendedor pode ser considerado “[...] aquele que se dedica à geração de riquezas, seja na

³ Termo proveniente da palavra francesa *entrepreneur*, que entre o final do século XVII e XVIII passou a ser utilizado para designar a pessoa que criava e conduzia empreendimentos e projetos (SCHEMES; FAY; PRODANOV, 2010).

XI SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS:

*"A DEMOCRACIA AINDA É A QUESTÃO: REFLEXÕES SOBRE A
DITADURA CIVIL-MILITAR E A COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE"*

transformação de conhecimentos em produtos ou serviços, na geração do próprio conhecimento ou na inovação em áreas como marketing, produção, organização" (DOLABELA, 1999, p. 43). O empreendedor também pode ser considerado aquela pessoa que possui condições de mudar o ambiente no qual está inserido, transformando ideias em oportunidades.

Com isso, o desejo de mudar o espaço ao entorno possui consonância com o que o ideário da germanidade possuía, no sentido de dar um traço distintivo ao teuto-brasileiro em relação ao restante da população. E a busca por essa distinção pode ser entendida como um dos fatores de sucesso dos empreendedores teuto-brasileiros no Rio Grande do Sul das primeiras décadas do século XX.

Dessa maneira, o ideário do empreendedorismo também encontrou grande ressonância dentro dos industriais teuto-brasileiros do Vale do Sinos, no sentido de que, diante das condições econômicas favoráveis e da conjunção de fatores que levavam a escassez de produtos manufaturados no Rio Grande do Sul, como mencionado acima, os empresários do Vale canalizaram os recursos advindos do setor primário para inovar no setor industrial (SCHEMES; FAY; PRODANOV, 2010). Dito de outra maneira: os empresários teuto-brasileiros esboçaram os primeiros movimentos de mudança do perfil da economia sul-rio-grandense, através do investimento na produção de manufaturados, sendo o calçado um dos principais expoentes deste processo. Assim, por meio desse cenário propício, mostrado até o momento, que foram lançadas as bases para o grande crescimento do setor calçadista do Vale do Sinos, que começou a ocorrer na década de 1960 e que alterou as principais cidades da região, suas elites e a própria indústria calçadista.

3 O SETOR COUREIRO-CALÇADISTA DO VALE DO SINOS NOS ANOS 1970, URBANIZAÇÃO E MUDANÇAS NAS SOCIABILIDADES

Para se elaborar uma melhor compreensão acerca do contexto de grande produção de calçados que se verificou no Vale do Sinos na década de 1970, além dos pontos discutidos na seção anterior, duas questões precisam ser destacadas: a Festa Nacional do Calçado (FENAC), cuja primeira edição ocorreu em Novo Hamburgo em 1963 e o começo do processo exportador de calçados, que teve início por meio da empresa calçadista de Campo Bom Strassburguer, no ano de 1968.

A FENAC constituiu-se no resultado de um conjunto de esforços, articulado por lideranças empresariais de Novo Hamburgo e dos principais municípios produtores de calçados do Vale do Sinos, com o intuito de alavancar e dar visibilidade às vendas deste produto, e, conseqüentemente, aumentar a produção calçadista da região (SCHEMES *et al*, 2005). Já para Martins (2011, p. 91), esta feira configurou-se em uma

Outra iniciativa oriunda da articulação política interna da elite local foi a criação da Festa Nacional do Calçado. A I Exposição de Calçados e Artigos de Couro é considerada a origem histórica da FENAC. Em 1963, aconteceu, então, a Primeira Festa Nacional do Calçado – FENAC, cujo objetivo era apresentar, ao Brasil e, posteriormente, ao mundo, o calçado produzido na escala local-regional. Sua concepção foi resultado da iniciativa da Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo, em 1960. Essa promoção primeiramente foi chamada de Festa para posteriormente receber a chancela de Feira

Inicialmente, este evento possuía um caráter mais festivo, inspirado nos moldes da Festa da Uva, realizada em Caxias do Sul, sendo a partir de 1973 transformada em um encontro exclusivamente de negócios do setor coureiro-calçadista, como mostram Martins (2011). Por meio dos depoimentos contidos no de Schemes *et al* (2005), a FENAC possuía como objetivo atrair o consumidor final para compra do produto; depois, a partir do aumento da produção manufatureira do

XI SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS:*"A DEMOCRACIA AINDA É A QUESTÃO: REFLEXÕES SOBRE A
DITADURA CIVIL-MILITAR E A COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE"*

calçado, esta festa passou a ser uma Feira e começou a atrair lojistas de diferentes partes do mundo.

A articulação de esforços em torno da criação e da consolidação da FENAC proporcionaram algumas das bases para que o processo de exportação de calçados no Vale do Sinos se iniciasse, no final da década de 1960 (MARTINS, 2011). As condições favoráveis do momento, em termos econômicos e políticos, auxiliaram a alavancar este processo. É importante frisar que os municípios que protagonizaram este processo, além de Novo Hamburgo, foram Campo Bom e Sapiranga⁴.

De igual maneira, é preciso destacar que Até o final dos anos 1960, a produção industrial de calçados do Vale do Sinos era ainda fortemente artesanal, devido às “[...] baixas barreiras à entrada e à saída” (COSTA *in* COSTA; PASSOS, 2004, p. 11) e o predomínio de pequenas e médias fábricas. Já para Martins (2011) e para Klein (1991), a abertura do mercado calçadista, ocorrida ao final da década de 1960 transformou-se em um impacto de modernização ao setor coureiro-calçadista, aumentando a parte mecânica da fabricação e começando-se a observar nas fábricas alguns parâmetros de eficiência, como prazos de entrega e qualidade.

Em meados da década de 70, a importância do setor coureiro-calçadista para a economia local-regional-nacional era tanta, que o próprio Presidente Geisel, em visita a uma edição da FENAC – Feira Nacional do Calçado, ressaltou que o número de empregados girava em torno de 150 mil pessoas.

Como mostra Costa (*in* COSTA; PASSOS, 2004) e Schemes (2006), os incentivos fiscais concedidos às indústrias de Novo Hamburgo e da região (MARTINS, 2011), por parte dos governos local, estadual e nacional e o investimento de certas fortunas de famílias que enriqueceram com a produção calçadista no Vale do Sinos podem ser considerado como fatores-chave para o processo de exportação na região, que teve o seu período de expansão na década

⁴ Campo Bom e Sapiranga emanciparam-se de São Leopoldo, respectivamente, em 1959 e 1954, sendo os primeiros municípios a se formarem no Vale do Sinos após a desanexação hamburguesa, ocorrida em 1927 (MOEHLECKE, 1978).

XI SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS:

"A DEMOCRACIA AINDA É A QUESTÃO: REFLEXÕES SOBRE A
DITADURA CIVIL-MILITAR E A COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE"

de 1970. Segundo Martins (2011, p. 146), ocorreu um outro fator que auxiliou a expansão da produção calçadista da região nesse período:

Durante a década de 70, Novo Hamburgo e o Vale do Sinos ficaram conhecidos internacionalmente pela produção de calçados com qualidade, muito em virtude da grande produção e dos preços competitivos, em comparação a outros centros produtores de calçados, como Elda, na Espanha, e León, no México.

Essa conjuntura de fatores favoráveis, tanto no âmbito externo quanto no cenário local, acabaram por acelerar a produção calçadista, movimento que continuaria na década seguinte. Já nos anos 1980, ocorre um momento de consolidação da produção calçadista do Vale do Sinos, no sentido de que, no período de 1970 a 1980, ela se mantém com índices estáveis de crescimento, sem a verificação de quedas bruscas de um ano para o outro (ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE NOVO HAMBURGO, 1985; 1988). Na mesma direção, Costa (*in* COSTA; PASSOS, 2004, p. 14) ressalta que "A tendência à concentração econômica no setor, que já se observava em meados da década de 1970 (Costa, 1978), continuou nessa trajetória não só naquela década e na de 1980, mas também nos anos 1990, mantendo-se ainda a gestão familiar dos negócios". Este modelo de gestão familiar dos negócios refletiu-se, na indústria calçadista do Vale do Sinos da década de 1980, numa grande quantidade de empresas de pequeno e médio porte, que sobreviviam das produção direcionada à exportação.

As poucas grandes empresas existentes na região neste momento, que se concentravam em Novo Hamburgo, Campo Bom e Sapiranga e produziam mais de cinco mil pares por dia, já possuíam, em sua carteira de clientes, mais lojistas do mercado interno que clientes do exterior (COSTA *in* COSTA; PASSOS, 2004). Este redirecionamento que as grandes empresas da época fizeram, quanto ao destino de sua produção, encontra paralelo com o desenvolvimento da indústria calçadista de Franca. Este município, que se situa há cerca de 400 km da capital paulista,

XI SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS:

"A DEMOCRACIA AINDA É A QUESTÃO: REFLEXÕES SOBRE A
DITADURA CIVIL-MILITAR E A COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE"



possuía, já antes do final da década de 1860, uma produção de calçados, que era desenvolvida por uma indústria local em pequena escala. Esta indústria consolidou-se como o principal fornecedor de calçados masculinos ao mercado interno brasileiro; já o Vale do Sinos especializou-se na produção de calçados femininos (BARBOSA, 2006).

Cabe aqui destacar que, embora o Vale do Sinos nos anos 1980 ainda exibisse índices expressivos de produção de calçados, mantendo uma posição de destaque nos cenários econômicos sul-rio-grandense e brasileiro, o cenário de crise econômica que se desenhou no Brasil nesta década preocupava as entidades empresariais do Vale, no sentido de que

O cenário frágil em que o Brasil se encontrava nos anos 80 – e com as demandas de uma política internacional que dificultava ainda mais o quadro – engendrou também situações de tensionamentos entre os diferentes atores sociais que atuavam pelo desenvolvimento regional do Vale do rio dos Sinos. As novas exigências de um cenário em transformação fomentavam outras necessidades, reivindicando e possibilitando o surgimento de novas entidades, que passariam a dar atenção a especificidades da cadeia produtiva (REICHERT; MAGALHÃES, 2010, p. 122).

Com as devidas relativizações que devem ser feitas à passagem mencionada acima, visto que se trata de um trecho que foi extraído do livro elaborado para comemorar os 90 anos de existência da Associação Comercial e Industrial de Novo Hamburgo (ACI-NH), principal defensora dos interesses do setor coureiro-calçadista no Vale do Sinos, fica evidente que o empresariado da região estava atento às mudanças que estavam acontecendo.

As mudanças ocorridas no processo de urbanização das principais cidades da região podem ser utilizadas como parâmetros desse câmbio de posições e visões que estava em curso. Na principal cidade do Vale do Sinos, Novo Hamburgo, as rápidas transformações que a prosperidade advinda da produção calçadista trouxeram transformaram a fisionomia do município. Segundo Selbach (1999), neste

XI SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS:

"A DEMOCRACIA AINDA É A QUESTÃO: REFLEXÕES SOBRE A
DITADURA CIVIL-MILITAR E A COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE"

município encontrava-se em construção cerca de 90 edifícios com mais de quatro andares.

Um novo cenário substituiu a pacata Novo Hamburgo. O milagre americano aconteceu. Os casarões tornaram-se escritórios de exportadoras. Os chalés cederam lugar aos espigões que suplantaram as torres das igrejas. A cidade passou a viver atrás de grades e cercas eletrônicas. [...] Como uma São Paulo em miniatura, a diversidade tornou-se marca registrada da cidade (SELBACH, 1999, p. 50).

Como efeito desta acentuada verticalização, que também ocorria, porém em menor escala, nos outros municípios elencados para este projeto, Novo Hamburgo passou a ter uma separação clara entre bairros reservados à elite local e aqueles destinados às camadas menos favorecidas da população. A título de exemplo, Selbach (1999) mostra que a população de Novo Hamburgo pulou de 90.000 habitantes em 1970 para 200.000 em 1992, tornando-se o crescimento demográfico mais rápido que ocorreu em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XX. Naturalmente, estas últimas localidades não possuíam as condições necessárias de infraestrutura, gerando bolsões de violência que se tornariam um problema à cidade como um todo (SELBACH, 1999).

É importante salientar que estas transformações no espaço urbano de uma cidade vêm ao encontro daquilo que Glezer (in COGGIOLA, 2005, p. 29, grifos da autora) diz, no sentido de que a cidade consiste no "[...] o objeto de estudo em si: a formação, estruturação, evolução, as relações que estabelece com o entorno, com outras cidades, próximas e distantes [...]". Para que se compreenda de maneira mais aprofundada a questão da urbanização e as implicações decorrentes deste processo, devem ser levado em conta a intersecção destas diferentes variáveis de análise.

As mudanças que aconteceram no Vale do Sinos não se restringem apenas a alteração do perfil urbano de seus principais municípios, mas, estendem-se a outros aspectos, como o das telecomunicações, o perfil de consumo e mesmo as

sociabilidades⁵ das elites locais desta região. Conforme a visão de um depoente para o livro de Schemes et al (2005, p. 112),

Na festa da [Sociedade] Ginástica [de Novo Hamburgo] parecia que estava num mundo diferente, com gente, roupas e costumes diferentes. Eu disse: 'Pedro, está estranho este casamento, eu não conheço ninguém. Todo mundo fala inglês aqui'. E ele respondeu: 'Mudou! Mudou nossa vida, mudaram os costumes, dos teus filhos, tua esposa, a vida de todo mundo aí'.

Por meio do considerável afluxo de riqueza que afluiu às principais cidades do Vale do Sinos nos anos 1970, os costumes das cidades que antes exibiam tranquilidade e ares interioranos, rapidamente se transformou. Essa mudança que a passagem acima mostra pode ser ilustrada também através dos novos objetos de consumo que as elites locais do Vale do Sinos adquiriam. Essa prosperidade que o calçado gerou na região modificou de maneira irreversível os hábitos e costumes da região, cujos traços desse câmbio são visíveis até os dias atuais, como mostra Selbach (1999).

Essa ideologia desenvolvimentista, que os governos que se sucederam na ditadura civil-militar brasileira, reforçou o imaginário de que Novo Hamburgo e o Vale do Sinos não somente eram parte do Brasil, mas também ajudariam a construir um país moderno por meio da venda além fronteira do calçado fabricado na região, para "orgulho" de toda a comunidade. Isso gerou um otimismo nunca antes visto na cidade. Além de capital nacional do calçado, Novo Hamburgo era conhecida como "Cidade dos mil Galaxys"⁶, "Vale dos Milagres", "Manchester brasileira", etc. Rótulos

⁵ Quem fornece uma definição concisa do que se consiste as sociabilidades é o antropólogo Gilberto Velho, em entrevista a Castro, Oliveira e Ferreira (2001, p. 204, grifos dos autores): "A sociabilidade aparece constantemente ligada à problemática do cotidiano, da *daily life*. Quando se fala em sociologia da vida cotidiana, está-se falando do dia-a-dia literalmente, dos acontecimentos e das situações que não estão necessariamente ligadas às grandes questões estruturais".

⁶ Conforme depoimento de Mário Sérgio Gusmão, um dos primeiros publicitários do Vale do Sinos, (SCHEMES, *et al*, 2005) no que diz respeito ao modelo do luxuoso automóvel produzido pela Ford no Brasil nos anos 60 e 70, Novo Hamburgo tornou-se famosa nacionalmente por ter vendido mais de

que, de alguma forma, indicavam a consonância de interesses entre o projeto industrial da escala nacional com os da escala local-regional.

Existe, ainda hoje, uma ideia generalizada, na cidade e na região, de que o “boom” calçadista e sua exportação foram a solução para a crise de demanda, vivenciada pelo setor na metade da década de 60, e que a geração de oportunidades com o calçado e a consolidação do polo econômico no Vale do Sinos foi resultado do trabalho de todos. Ou seja, com a expansão produtiva e a exportação, resolver-se-iam as limitações do mercado interno local-regional-nacional.

Nesse sentido, o período da ditadura civil-militar foi visto como momento de alavancagem de Novo Hamburgo e da região, na produção da manufatura exportada. O “milagre econômico” evidenciou-se em Novo Hamburgo e região, porque, com esse aumento produtivo e a exportação de sapatos, foi gerada a sensação de que todos receberiam os dividendos dessa riqueza.

Nessa construção ideológica do consenso social, várias instâncias políticas atuaram e articularam-se entre si e aos interesses econômicos vivido pelo país. O jornal local – Jornal NH – teve papel importante na divulgação dessa ideologia do desenvolvimento.

Quanto ao aspecto ideológico, parece que o Grupo Editorial Sinos teve uma parcela importante na construção do consenso social em torno da expansão produtiva, da divulgação, da venda e da exportação do calçado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No fecho deste trabalho, é preciso enfatizar que esse conjunto de conceitos mostrados neste texto, que procuraram abarcar o início, o desenvolvimento do setor

mil unidades desse modelo de 1970 a 1975, através do concessionário local da marca acima citada, atestando assim o grande crescimento econômico que a exportação representou para alguns.

XI SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS:

*"A DEMOCRACIA AINDA É A QUESTÃO: REFLEXÕES SOBRE A
DITADURA CIVIL-MILITAR E A COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE"*

coureiro-calçadista do Vale do Sinos e os desdobramentos que o crescimento deste causou nas elites das principais cidades da região, fizeram com que se elaborasse características bastantes distintas, em termos sul-rio-grandenses. Dito de outra maneira: a produção calçadista do Vale do Sinos fez com que essa região se tornasse diferente, na sua sociabilidade, perfil de consumo e desenvolvimento urbano, das demais regiões industrializadas do Rio Grande do Sul, criando uma identidade⁷ bastante peculiar.

Esta conjuntura acabou por tornar o Vale do Sinos conhecido internacionalmente pela produção de calçados com qualidade, muito em virtude da grande produção e dos preços competitivos, em comparação a outros centros produtores de calçados, como Elda, na Espanha, e León, no México. Como o setor coureiro-calçadista era uma estrutura econômica histórica na cidade-região e, por isso, estava consolidado, os incentivos oriundos da escala nacional reforçaram a produção, que resultou em números consideráveis de pares de calçados produzidos/exportados.

Na mesma direção, é importante frisar que o estudo das sociabilidades, além de revelar um conjunto de práticas de convivência que caracterizam determinada sociedade, como mostrado no trecho acima, também precisa ser compreendido enquanto um conceito capaz de analisar com mais densidade as práticas de uma sociedade. Da mesma maneira, o estudo da sociabilidade fornece um meio de desatar os "nós" problemáticos dentro do campo historiográfico, em conjunto com o aporte teórico fornecido pelas ciências sociais.

O desenvolvimento econômico e social gerado com os números do aumento produtivo-exportação de calçados certamente não foi dividido de maneira equânime entre os habitantes da cidade-região. Isso porque, ao mesmo tempo que Novo

⁷ Conceitua-se aqui este termo segundo o pensamento de Silva (in SILVA, 2000, p. 75-76): "[...] a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença. Isto reflete a tendência a tomar aquilo que somos como a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos. Por sua vez, [...] identidade e diferença são vistas como mutuamente determinadas".

Hamburgo foi considerada a cidade dos “mil Galaxies”, o crescimento populacional em seu entorno, na própria cidade e no Vale do Sinos, trouxe problemas sociais de toda ordem, resultado da chegada de mão de obra para suprir a carência nas fábricas. Estes diversos fatores acabaram por forjar uma identidade bastante peculiar para a região.

Nesse sentido, os estudos identitários podem também contribuir para o estudo das sociabilidades, como um vetor de análise das mais variadas temáticas, como a formação de uma identidade nacional no Brasil através da trajetória histórica de uma determinada sociabilidade, a análise de uma comunidade em particular ou mesmo a música como um delimitador de um determinado segmento dos jovens, através de seus usos ou costumes peculiares. Entretanto, os estudos acerca dessa temática na época contemporânea necessitam partir do princípio de que o sujeito está cada vez mais fragmentado. Dessa forma, elementos como estes podem ser tomados como definidores, em um sentido mais amplo, da identidade de um indivíduo ou de um grupo específico.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE NOVO HAMBURGO. **14º censo do calçado RS – 1984**. Novo Hamburgo: ACI-NH, 1985.

_____. **17º censo do calçado RS – 1987**. Novo Hamburgo: ACI-NH, 1988.

BARBOSA, A. S. **Empresariado fabril e desenvolvimento econômico: empreendedores, ideologia e capital na indústria do calçado (Franca, 1920-1990)**. São Paulo: Hucitec; FAPESP, 2006.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2007.

CASTRO, C.; OLIVEIRA, L. Li.; FERREIRA, M. M. Entrevista com Gilberto Velho. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 28, p. 1983-210, 2001.

XI SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS:

"A DEMOCRACIA AINDA É A QUESTÃO: REFLEXÕES SOBRE A
DITADURA CIVIL-MILITAR E A COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE"

CARNEIRO, L. C. **Trabalhando o couro**: do serigote ao calçado "made in Brazil". Porto Alegre: L&PM/CIERGS, 1986.

COSTA, A. B. A trajetória competitiva da indústria de calçados do vale do Sinos. In: COSTA, A. B.; PASSOS, M. C. (Org.). **A indústria calçadista no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

DOLABELA, F. **Oficina do empreendedor**: a metodologia de ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza. São Paulo: Cultura, 1999.

FORTES, A. **Nós do quarto distrito**: a classe trabalhadora porto-alegrense e a era Vargas. Caxias do Sul: Educus: Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

GERTZ, R. **O fascismo no sul do Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. Série documenta.

_____. **O perigo alemão**. Porto Alegre: UFRGS, 1991. (Série síntese rio-grandense.)

GLEZER, R. História urbana em história econômica. In: COGGIOLA, O. (Org.). **História e economia**: questões. São Paulo: FFLCH/USP, 2005. (Coleção Humanitas.)

KLEIN, E.E. **La cadena de distribución y la competitividad de las exportaciones latinoamericanas**: las exportaciones de calzado del Brasil. Santiago: CEPAL (Comisión Económica para América Latina y el Caribe), 1991.

LAGEMANN, E. Imigração e Industrialização. In: DACANAL, José Hildebrando (Org.) **RS: imigração e Colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

MARTINS, R. P. **A produção calçadista em Novo Hamburgo e no Vale do Rio dos Sinos na industrialização brasileira**: exportação, inserção comercial e política externa: 1969-1979. Porto Alegre, 2011. 198 p. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

MOEHLECKE, G. O. **O Vale dos Sinos era assim**. São Leopoldo: 2 ed. 1978.

MOSER, V. **Futebol e identidade em Novo Hamburgo (RS)**: 1927-1931. Novo Hamburgo, 2012. 148 f. Dissertação (Mestrado em Processos e Manifestações Culturais) – Universidade Feevale.

XI SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS:

"A DEMOCRACIA AINDA É A QUESTÃO: REFLEXÕES SOBRE A
DITADURA CIVIL-MILITAR E A COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE"

RAMBO, A. B. Nacionalidade e cidadania. In: MAUCH, C.; VASCONCELLOS, N. **Os alemães no sul do Brasil**: cultura, etnicidade, história. Canoas: ULBRA, 1994.

REICHERT, I. C.; MAGALHÃES, M. L. **Uma trajetória de valor**: os 90 anos da Associação Comercial, Industrial e de Serviços de Novo Hamburgo, Campo Bom e Estância Velha. Novo Hamburgo: Feevale, 2010.

ROCHE, J. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.

SCHEMES, C. et al. **Memória do setor coureiro-calçadista**: pioneiros e empreendedores do Vale do Rio dos Sinos. Novo Hamburgo: Feevale, 2005.

_____. **Pedro Adams Filho**: empreendedorismo, indústria calçadista e emancipação de Novo Hamburgo. (1901-1935). Porto Alegre, 2006. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

_____; FAY, C. M.; PRODANOV, C. C. Arriscar e inovar: uma geração de empreendedores gaúchos do século XX. **História econômica & História de empresas**, Curitiba, v. 12, n. 1, 2010, p. 157-186.

SCHUMPETTER, J. A. **The theory of economic development**. Oxford: Oxford University Press, 1978.

SELBACH, J. F. **Novo Hamburgo 1927-1997**: os espaços de sociabilidade na gangorra da modernidade. Porto Alegre: 1999. 370 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SEYFERTH, G. **Nacionalismo e identidade étnica**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

_____. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, C.; VASCONCELLOS, N. **Os alemães no sul do Brasil**: cultura, etnicidade, história. Canoas: ULBRA, 1994.

_____. Etnicidade, política e ascensão social: um exemplo teuto-brasileiro. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, jan./dez. 1999, p. 61-88.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

XI SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS:

"A DEMOCRACIA AINDA É A QUESTÃO: REFLEXÕES SOBRE A
DITADURA CIVIL-MILITAR E A COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE"

SINGER, P. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**. São Paulo: Nacional, 1968.

TEJO, L. A indústria rio-grandense em função da economia nacional. In: **estatística industrial do rio grande do sul**, 1937. Porto Alegre: Globo, 1939.

THOMPSON, P. **Voz do passado**: a História Oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.